

POR QUE VIVEMOS COMO VIVEMOS: A QUESTÃO “SER” E “NÃO-SER”

Felipe de Aguiar Viana

Este artigo se propõe a tentar esclarecer qual a verdadeira importância dessa questão, não só para a filosofia, mas para a criação de todo o modo de vida ocidental.

Muitos acreditam que a filosofia de René Descartes (1596-1650) individualizou o ser humano e dividiu o mundo. Porém, se analisarmos o caminho que a filosofia seguiu após suas teorias, poderemos concluir que ela foi somente um estopim para que os positivistas alavancassem a ciência como a pedra fundamental que explicaria a existência do homem na terra, e abandonasse de vez a busca da essência na alma do ser humano.

Mas a direção que o planeta seguiria, o da individualização, teria início nas teorias de Tales de Mileto (\pm 624 a 548 a.C.), que tenta descobrir o qual é princípio de tudo. Isso porque essa questão levou a outra, de qual seria a essência de tudo e logo, o que é “ser”.

Parmênides consegue um grande avanço na questão, quando disse que o que é “é”, e não pode “não ser”, e o que não é “não é”, e não pode ser. E ainda fundamenta a trilha que a humanidade deveria seguir, traçando dois caminhos; um da verdade, que é o caminho do que “é”, e o caminho da dúvida, que é o caminho da confusão, que não deveria ser seguido, apesar dele saber que o próprio desejo humano o levaria para esse caminho.

Justamente, o que leva o homem à via do erro, de acordo com o próprio Parmênides, é o desejo, o ego, que leva ao atrito, à separação, ao conflito. Infelizmente, o homem não soube continuar seguindo o caminho dos filósofos pré-socráticos, em que a busca pelo que é o “ser” deveria ser natural, fundamentada e descoberta na própria observação da natureza, e não na experimentação física baseada nos sentidos.

Platão é o responsável pela primeira tentativa de solucionar o problema, explicando que entre o “ser” e o “não ser” há outro caminho. É claro que a intenção do mestre não é somente tentar resolver o problema, mas também fazer a humanidade evoluir em seu conhecimento, mesmo sem saber qual é a

sua essência. Essa teoria é mais ainda mais desenvolvida por seu principal discípulo, Aristóteles, que discordando de certas teorias de seu mestre, instaura os "modos de ser", e acaba definitivamente com o desejo do homem buscar sua essência na natureza, procurando-a, a partir daquele ponto, na própria experiência humana, e criando uma nova ciência, onde a busca pelo saber é feita a partir dos sentidos.

Séculos depois, René Descartes, entendendo esse caminho como enganoso e errôneo, tenta criar um novo, onde a razão e a dúvida metódica o levariam a descobrir a verdade por si mesmo. Infelizmente ele esbarra no mesmo problema de Parmênides: O sensível, o mundo aparente, "é", ou "não é"?

Um novo problema que surge é que, entre Aristóteles e Descartes o "ser" passa a importar cada vez menos, e é substituído pelo "ter", já que a humanidade está em confusão e não consegue diferenciar o que "é" do que "não é", ou seja, o que é realidade e o que é falso.

Tudo caminha lentamente, com a miséria e a desigualdade do homem aumentando a passos largos, a diferença entre nós sempre se superando e a nossa ligação com a essência ficando cada vez mais longe...

Até que o próprio positivismo, que alavanca a ciência e individualiza o homem, cria meios para que cheguemos ao ponto que estamos hoje; o ponto em que a física quântica começa a explicar o que é o ser, o que é o homem, qual sua formação material e espiritual. É quase um retorno aos Pré-Socráticos, metaforicamente falando, ao que afirmavam os atomistas.